



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES/CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Kelson Martiniano Fausto de Macêdo

**O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM HISTÓRIA  
OBSERVADO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
EM ENSINO MÉDIO (2021), E SEUS DESAFIOS.**

Guarabira – 2022

Kelson Martiniano Fausto de Macêdo

**O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM HISTÓRIA  
OBSERVADO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
EM ENSINO MÉDIO (2021), E SEUS DESAFIOS.**

*Trabalho Conclusão do Curso de Graduação  
em História do Centro de Humanidades da  
Universidade Estadual da Paraíba como  
requisito para a obtenção do título Licenciado  
em História.*

*Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luciana Calissi*

Guarabira – 2022

M125e Macêdo, Kelson Martiniano Fausto de.

O ensino remoto emergencial em história observado em estágio supervisionado obrigatório em ensino médio (2021), e seus desafios [manuscrito] / Kelson Martiniano Fausto de Macêdo. - 2022.

19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Luciana Callisi, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Ensino remoto emergencial. 2. Estágio supervisionado.  
3. Ensino de história. I. Título

21. ed. CDD 370

Kelson Martiniano Fausto de Macêdo

**O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM HISTÓRIA  
OBSERVADO EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
EM ENSINO MÉDIO (2021), E SEUS DESAFIOS.**

*Trabalho Conclusão do Curso de Graduação  
em História do Centro de Humanidades da  
Universidade Estadual da Paraíba como  
requisito para a obtenção do título Licenciado  
em História.*

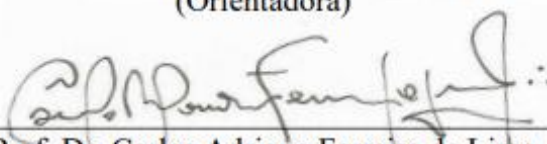
Aprovado em: 20/ 07/ 2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dra. Luciana Calissi (UEPB)  
(Orientadora)



---

Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima  
(Examinador)



---

Prof. Dr. João Gonçalves Bueno (UEPB)  
(Examinador)

Dedico este trabalho a Marisa Tayra (in memoriam, 2015)

E às vítimas do COVID-19, em especial as pessoas que perderam a sua vida, devido ao caos instaurado por um governo irresponsável e negacionista.

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, apesar dos pesares.

Aos meus pais, Gonzaga e Elizete pelo amor, incentivo e apoio quase sempre incondicional.

Obrigado aos meus irmãos, filhos, sobrinhas, primos, tios e tias pela contribuição valiosa, sobre o que é família.

A todas as amigadas, particularmente a Danny Xavier e Rúbia Mota, por desempenhar um papel significativo no meu crescimento, a Djanira Meneses e Janaina Araújo amigas acadêmicas e de vida, a vocês minha eterna gratidão.

A Gabriela Araújo pelo carinho e companheirismo, sou grato.

Agradeço carinhosamente aos Professores Waldeci Chagas, Durval Muniz, Alômia Abrantes, Ruston Lemos, Luiz Celio e a todos os outros que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar.

Em especial a minha orientadora Luciana Calissi pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos, preocupações e sorrisos, meus sinceros agradecimentos, acompanhados de admiração e muito carinho pela partilha de seu conhecimento, bem como sua amizade.

À UEPB pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

E por fim a todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

Só merece o muito, quem sabe agradecer no pouco.

A perseverança é a mãe da boa sorte.  
(Miguel de Cervantes)

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise sobre as atividades realizadas e as experiências adquiridas durante o Estágio Supervisionado III em História na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE) imposta às escolas pela Pandemia da COVID. A minha experiência se deu através do acolhimento de uma professora de História da ECI José Soares de Carvalho, Guarabira/PB, o que me possibilitou observações de suas aulas em espaço virtual - espaço meet - quando busquei compreender as transformações decorrentes desse novo cenário, e o que ganhou continuidade - as permanências - dentro da sala de aula observada. A partir de leituras sobre a emergência do ensino remoto e de outras leituras importantes sobre ensino e ensino de História, busquei responder algumas indagações sobre, entre outras coisas, os benefícios e entraves tecnológicos e metodológicos revelados no que se refere à atuação do professor, e à situação dos alunos naquele cenário de mudanças impostas pela pandemia, e seus futuros desdobramentos.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto Emergencial, Estágio Supervisionado, Ensino de História.

## SUMMARY

The present work presents an analysis of the activities carried out and the experiences acquired during the Supervised Internship III in History in the Emergency Remote Teaching (ERT) modality imposed on schools by the COVID Pandemic. My experience took place through the reception of a History teacher from ECI José Soares de Carvalho, Guarabira/PB, which allowed me to observe her classes in a virtual space - meet space - when I sought to understand the transformations resulting from this new scenario, and what gained continuity - the permanences - within the observed classroom. From readings on the emergence of remote teaching and other important readings on teaching and teaching of History, I sought to answer some questions about, among other things, the technological and methodological benefits and obstacles revealed with regard to the teacher's performance, and to the situation of students in that scenario of changes imposed by the pandemic, and its future unfolding.

**Keywords:** Emergency Remote Teaching, Supervised Internship, History Teaching



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A ESCOLA CIDADÃ JOSÉ SOARES DE CARVALHO E O ERE.....	12
3 AULA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM CAMPO DE EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO.....	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5 REFERÊNCIAS.....	19

## 1. INTRODUÇÃO

O presente escrito traz um resultado do estágio supervisionado e obrigatório, que foi cumprido na ECI José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira – PB, no sistema remoto no ano 2021, na forma de observação das aulas de História, ministradas no 2º ano do Ensino Médio pela professora regente, nas turmas A, B, C e D. Este trabalho apresenta um relato de experienciar meu primeiro contato com o ser professor em sala de aula na modalidade ERE - Ensino Remoto Emergencial; uma solução temporária e estratégica que permitiu, no contexto da Pandemia de Covid-19, proporcionar uma continuidade de ensino e a possibilidade de manter, dentro das circunstâncias possíveis, as atividades escolares. Durante o período pandêmico os docentes foram pegos de surpresa no que se refere às condições impostas pelo contexto, impondo a utilização de recursos antes pouco experimentados na educação básica.

No momento inicial as atividades nas escolas foram paralisadas para que houvesse oportunidade de se repensar novas possibilidades de ações educativas, estabelecendo-se daí uma nova forma de ensino, o ERE. Analiso aqui, como as mudanças, em tão pouco tempo, me fizeram refletir sobre um ensino que levasse em consideração - e no caso, priorizasse -, ferramentas tecnológicas, sendo a principal o google meet, para viabilizarem aulas para crianças e adolescentes no Ensino Básico. Também me levou a refletir sobre os desdobramentos e dificuldades em torno deste tipo de ensino emergencial na disciplina de história no Ensino Médio.

Durante as aulas que assisti, eu recordava uma frase do Patrono da Educação Brasileira, o educador e filósofo Paulo Freire no livro Pedagogia da Autonomia, o qual defende que “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina” (FREIRE. 2004, p. 28), o que corrobora com a ideia de Educação como um processo contínuo de reflexão crítica sobre a prática, e nesse sentido, busco aqui também tentar compreender e propor uma análise sobre o processo ensino-aprendizagem no cenário aqui considerado.

Assim, a partir das observações obtidas através do estágio, me vi diante de uma nova realidade, passei a me questionar sobre como, nessa situação imposta, uma aula de História pode estimular o aprendizado através de curiosidades e pesquisas; ou, esse contexto acabou gerando a diminuição de interesse pelos

estudos, ou no caso, pela disciplina História? Por que? Ou ainda, quais os principais impactos percebidos nas aulas observadas, para a professora e para os alunos? E por último, mas ainda sem possibilidade de resposta, quais os desdobramentos de tudo o que percebi naquele momento?

É importante observar que o ensino remoto emergencial adotado no período de isolamento social, é diferente do que chamamos EaD (Educação a Distância) na verdade,

o tipo do estudante da EaD é distinto do perfil do ensino remoto – o aluno da modalidade EaD geralmente é um adulto que tem uma motivação para estudar nessa modalidade, já o aluno do ensino remoto emergencial não estava preparado para estudar nessa modalidade nova, inesperada. Outro ponto apontado pelas pesquisadoras é o fato de que nesse ensino remoto emergencial a maioria dos alunos são jovens (crianças ou adolescentes), os quais estão em uma faixa etária que precisa do convívio para aprender a viver em sociedade. (VELLAR, p. 8, 2021).

Além disso, vale lembrar que assim como para os alunos, os professores em geral também não tinham tido preparo para lidar com essa nova modalidade de ensino. Sem contar as dificuldades estruturais das escolas e a dificuldade de acesso às tecnologias da maioria dos alunos das escolas públicas.

As observações realizadas durante o Estágio Supervisionado, se estenderam durante as manhãs de sextas-feiras no segundo semestre de 2021, através do google meet. Assim que o link da sala de aula virtual era enviado pelo whatsapp para os alunos e para mim estagiário, adentrávamos no meio digital, e então, no desenrolar das atividades elaborava minhas observações das aulas ministradas pela professora titular da disciplina.

Entre tantos elementos a serem observados/compreendidos, ganhou destaque perceber e refletir sobre os meios metodológicos aplicados pela professora, nas condições e circunstâncias do modelo de ensino adotado de forma emergencial, pensando as análises de forma a entender os obstáculos e adequações do docente de história em meio ao caos que se tornou o “ensinar” durante a pandemia.

Ao realizar esta etapa, do assistir as aulas remotas, surgiram diversas possibilidades de pensar a formação do educador para que este esteja preparado não somente para uma sala de aula presencial, mas para a virtual. Ou seja, que o mesmo esteja apto a conhecer novas ferramentas tecnológicas que possibilitem o ensino aprendizagem de uma forma dinâmica para uso tanto no ensino remoto como no

ensino presencial. Será principalmente sobre isso – metodologia do ensino emergencial, que trata esse relato reflexivo.

Durante o período que o ERE esteve como o único meio de ensino; o caminho que levava a sala de aula passou a ser um link e o livro didático na maioria das vezes substituído por um slide, daí a necessidade que esses novos recursos fossem utilizados de maneira a impactar o aluno e encantá-lo como em uma sala de aula presencial. Tendo em consideração que assim como o aluno, o professor foi pego de surpresa em um espaço/tempo, revelando os desafios/limites no enfrentamento de tal situação e a escola que muitas vezes, não dispõe, tecnologicamente, de instrumentos que possam competir por exemplo, com os celulares dos alunos e suas redes sociais, jogos e outros diversos aplicativos, a aula obrigatoriamente necessita impactar de alguma forma, ou facilmente ele terá sua atenção desviada da aula.

A Professora Associada do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Crislane Barbosa Azevedo afirma que:

Pesquisar a prática da docência significa registrar o cotidiano de sala de aula e partir deste registro para a compreensão da realidade escolar, problematizando-o e teorizando sobre ele, tendo como fim o melhoramento do exercício do planejamento e da coordenação do processo educativo para benefício de todos os envolvidos com os procedimentos de aula. (AZEVEDO, 2017)

O que enriquece e demonstra que a partir da prática escolar, o professor está em eterno desenvolvimento e se torna apto a somar aos desafios diários, a busca por soluções.

Também vale destacar que a metodologia aqui adotada compreende as observações realizadas no Estágio a partir de leituras sobre o mesmo, e leituras sobre ERE que nortearam a análise de minhas observações. No primeiro capítulo então, apresento o caráter das ECIs, sistema adotado pela escola em que estagiava naquele momento, e aponto alguns desafios impostos pela pandemia e o contexto de isolamento social. No segundo capítulo, apresento minhas reflexões sobre a minha experiência de estagiário, tentando responder algumas inquietações já colocadas. Finalizando, minhas considerações como fechamento dessa trajetória.

## 2. A ESCOLA CIDADÃ JOSÉ SOARES DE CARVALHO E O ERE

O ECI Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho fica localizada na Rua Henrique Pacifico no bairro de Primavera, em Guarabira-PB, que antes da pandemia oferecia aulas exclusivamente presenciais relativas ao Ensino Médio, os últimos passos dos alunos antes do ENEM.



Fonte: Google imagens

De acordo com o PNE (Plano nacional da educação), ECI: Programa de Escola Cidadã Integral, foi um modelo de escola pública implantado na Paraíba a partir de 2016 e que tinha a proposta de organização e funcionamento em tempo integral. De acordo com a secretaria de educação do estado da Paraíba,

O foco é a formação de jovens com um currículo diferenciado e metodologias específicas, que apresentam aos estudantes do Ensino Médio possibilidades de se sentirem integrantes do seu projeto de vida. Essas escolas são organizadas com salas temáticas, laboratórios de informática, ciências e outros espaços de vivências, onde os jovens poderão transitar, a partir do seu projeto de vida, em suas competências cognitivas e socioemocionais, de forma a desenvolver as suas potencialidades. (GOVERNO PARAIBA, 2020, Online)

Esse sistema foi implementado na escola em questão, a partir da Medida Provisória nº 267 de 07 de fevereiro de 2018, quando essa instituição passaria a ser ECI José Soares de Carvalho, com período integral (das 7h 30 à 17h0] para o Ensino Médio. (À noite funcionava a EJA). Nessa nova organização curricular, pela manhã eram oferecidas as disciplinas convencionais, e à tarde atividades diferenciadas, como oficinas interdisciplinares com a utilização, por exemplo, de laboratório de informática. Porém, para a implementação desse modelo, seriam necessárias muitas adaptações, tanto por parte dos profissionais, quanto relacionadas à estrutura física do espaço escolar.

Porém, enquanto toda a adequação se processava, veio a pandemia, e esse processo foi interrompido. Houve a tentativa de se manter virtualmente algumas atividades complementares, como “Projeto de Vida”, mas nas circunstâncias reais, as atividades ficaram mais restritas às aulas convencionais das disciplinas tradicionais, tentando manter o mínimo para quem, inclusive, fosse prestar o ENEM.

Aqui então se apresentam já alguns desdobramentos da situação pandêmica e também desafios. O desdobramento principal foi a interrupção de um Programa de governo, e os desafios se apresentam a seguir.

### **3. AULA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM CAMPO DE EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO**

O único espaço educacional que pude conhecer nessas condições remotas, foi a sala de aula virtual onde a professora ministrava suas aulas. Nessa sala, a presença dos alunos não era constante, variava entre 20 e 28 alunos, dependendo do dia, de ambos os sexos; um número relativamente pequeno, tendo em vista que estavam reunidas 4 turmas em uma única sala. Essa observação já me apontava um dos grandes problemas do ERE, a evasão escolar em todas as regiões do país. De acordo com a pesquisa C6 Bank/DataFolha, “As dificuldades impostas pela pandemia fizeram com que 4 milhões de estudantes brasileiros, com idades entre 6 e 34 anos, abandonassem os estudos no ano 2020”. A Unicef também tem estudos sobre isso e, segundo seus dados de uma pesquisa de 2021

Entre os motivos está a falta de acesso aos recursos tecnológicos e à internet, o que inviabiliza o acompanhamento das aulas remotas, e, também, o fato de precisar contribuir com renda dentro de casa, necessidade que aumentou em meio ao contexto de pandemia. Pesquisa realizada entre o final de abril e o início de maio de 2020, com quase 4.000 redes municipais de ensino, mostrou que apenas 33% dos domicílios brasileiros possuem computador e acesso à internet. (Foster, 2021, Online)

A realidade observada nas aulas em que estagiei, portanto, é parte de um contexto bastante difícil, e revela problemas estruturais históricos. Para além desse aspecto, busquei, desde o início de minhas observações, detectar as estratégias de ensino e recursos utilizados pela professora, analisando a forma com que os alunos reagiam aos métodos desenvolvidos, a participação e relação entre docente e discente, entre outros aspectos.

Durante a observação da primeira aula, foi possível identificar que o uso do Slide (Power Point) era o principal recurso ou ferramenta de ensino utilizada pela professora, uma vez que, naquele momento, era o possível. Essa ferramenta, de alguma forma, procurava substituir o quadro tradicional existente nas salas físicas/aulas presenciais. Por outro lado, por parte dos alunos, que deveriam marcar presença e participação, ficavam com suas câmeras fechadas, e esse comportamento se tornou constante nas demais aulas em que estive presente durante o estágio.

Como não tive acesso ao programa da disciplina, nem ao planejamento da aula da professora, percebi os conteúdos/temas desenvolvidos no momento de minha entrada na sala do meet, e um dos temas desenvolvidos por ela foi a “Vinda da Família Real para o Brasil”. O assunto foi explanado, trazendo fatos, datas e personagens, de forma contundente e direta, de apresentação pragmática, sem nenhuma interrupção por parte dos alunos, mesmo com as insistentes investidas da professora sobre os educandos, perguntando se eles estavam entendendo, se possuíam alguma dúvida, ou queriam fazer alguma observação. Porém, o que eu percebia era um cenário onde os mesmos se mantinham dispersos e pouco participativos. A professora, porém, continuou a buscar uma estratégia para que o quadro mudasse, uma vez que era perceptível o incômodo da professora com a situação; em seu esforço desmedido por alguma interação, ela fazia questões tentando tornar a aula dialogada, interativa. Sua angústia se expunha através de falas como; “Vocês estão muito calados”, “Estou triste, com todo esse silêncio”, “Vocês estão aí?”, “Fale meu povo”.

Essa situação, por vários depoimentos vistos através da internet, era comum em muitas salas virtuais pelo Brasil. Encontrar uma estratégia adequada nessa situação tão delicada e difícil, foi o desafio didático-pedagógico no contexto de dificuldades evidentes. A falta de familiaridade com recursos virtuais, tanto dos professores quanto dos alunos, é citado em várias pesquisas, como destaca a professora Rosane Rosa em seu artigo Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19 “A oferta de uma educação mediada pela tecnologia sempre enfrentou barreiras, principalmente pautadas na desinformação e falta de preparo dos docentes.” (ROSA, 2020, p. 1)

Mesmo frente a esse panorama a aula transcorreu sem sobressaltos, e com o “entra e sai” de alunos devido, segundo eles, problemas na conexão. Outra justificativa era que o pai ou mãe precisava utilizar o celular, ou que o aparelho havia descarregado, o que se revelou algo permanente em todas as aulas durante o estágio. Ao término da aula a chamada (lista nominal), também era dificultosa - que serviu de amostra, para de fato perceberse a dispersão do alunado, pois diversas vezes era repetido o nome de um aluno até que ele respondesse e em muitas ocasiões se justificando, pois estava realizando outra tarefa. Um exemplo dessa precariedade se mostra no exemplo de uma aluna que estava fazendo o almoço dos pais que estavam



no trabalho, ou outra, cuidando do irmão, enquanto a mãe cuidava dos afazeres domésticos, ou ainda, o que estava carregando água do reservatório colocado na rua e abastecido por carro pipa uma vez ao dia pela prefeitura, para sua residência para o consumo da família.

Essas observações ajudam a compreender os limites, os desafios e os problemas dessa forma virtual adotada para as aulas. Evidencia, inclusive, a importância da escola, enquanto espaço físico, para o desenvolvimento dos alunos.

Esse “silêncio” percebido em sala de aula expressa um grito, primeiro pelo saber de que ali alguns docentes não estão prestando atenção no conteúdo, por motivos de não se sentirem motivados ou por estes que vivem em situação de risco e tem que trabalhar, tomar conta da casa, de irmãos de filhos, e ainda os que não participavam por não terem acesso digno à internet.

Em virtude da pandemia, quase todas as escolas optaram por aulas online, o que contribuiu para que muitas crianças e jovens ficassem sem aulas no último ano, já que 47 milhões de pessoas não têm acesso à internet, segundo estudo do Comitê Gestor da Internet no Brasil. (INSTITUTO ALICERCE, 2022, Online)

Outro aspecto a destacar, é quanto a dificuldade de se fazer, nesse contexto, o ensino de História significativo, ou seja, que faça com que os conteúdos ofereçam uma possibilidade de pensar o tempo/espaço do próprio educando. A aulas, perante tudo isso, acabaram por se tornarem mais conteudistas, convencionais, na ansiedade de conseguir propiciar algo para o aluno.

A escritora Andrea Carnal em seu artigo Sair do conteudismo para as competências é o maior desafio da BNCC, afirma que “Os estudantes sabem muitas informações, mas têm dificuldade de relacioná-las com a vida e aplicá-las para resolver problemas do seu dia a dia.” O que nos remete ao artigo 13 da LDB que cita alguns dos deveres do professor, entre os quais gostaria de destacar “o zelar pela aprendizagem do aluno” e “Articular-se com as famílias dos alunos e a comunidade” o que deixa claro, que um educador é muito mais que apenas um reproduzidor de conteúdo.

Essas considerações reforçam o quanto o isolamento social prejudicou ainda mais nosso sistema educacional e revelou todas as mazelas de nossas condições enquanto professores e alunos da escola pública.

Tudo isso constata ainda que o ERE se mostrou falho em diversos aspectos quando comparado ao sistema de EaD - Educação a Distância. Enquanto as instituições que utilizam do método de EaD estão equipadas com tutores especializados, plataformas específicas para aplicação de conteúdos e avaliações em lugares ou tempos diversos, vídeos roteirizados e gravados com equipamentos de ponta, o ERE poderia ser resumido em uma única palavra: improvisação. O professor, pego de surpresa, tendo que lidar com ferramentas até então muitas vezes pouco conhecidas, ministrando aulas num tempo síncrono, via sistema de web conferência, tendo sua presença física substituída por uma presença virtual, se doando ao máximo e encarregado da tarefa quase impossível de condensar em algumas aulas todo conteúdo do ano. Do outro lado, alunos em isolamento social com uma internet de baixa qualidade, utilizando equipamentos, em sua maioria celulares, de terceiros e rodeado de objetos e situações que o impede de focar na aula, sem o devido apoio emocional e pedagógico que encanta e faz nascer o prazer pelo conhecimento.

No entanto, os recursos tecnológicos aparecem como instrumentos de comunicação de grande valia no cenário pandêmico, mas em sala de aula eles causaram estranhamento, poucos eram os que participavam de discussões, que expressavam suas opiniões. Cláudia Fernanda de Carvalho Batista em seu artigo “O uso de ferramentas digitais no ensino remoto” de 2021 atesta que “as tecnologias digitais da informação e comunicação, também conhecidas por TDIC, têm mudado totalmente a forma de se ver, comunicar, relacionar e aprender.”

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do estágio, foi possível perceber que essa experiência é um elemento essencial na formação da identidade profissional do docente, uma atividade que bonifica o estagiário com uma gama de novas aprendizagens e possibilidades, além de ratificar a necessidade de aperfeiçoamento, atualização e adequações constantes, respeitando as habilidades e anseios de cada indivíduo, algo inerente no processo educativo, ainda mais, com sistema de vídeo chamada, os instrumentos metodológicos e os assuntos abordados na aplicação das aulas durante o estágio.

É viável alegar que, apesar da discrepância entre a teoria da academia e a prática em sala, um modo de ensino que faça uma correlação entre a realidade dos discentes e uma problematização com os objetos de estudo, é possível, mesmo com as consequências desse período de ruptura com a realidade que vivíamos antes da pandemia e cujo danos começam a aparecer, mas serão mensurados a longo prazo.

Mesmo acreditando que o mais adequado seria abandonar uma prática apenas conteudista e adotar algo mais próximo do cotidiano dos discentes, a pouca capacitação dos docentes em um sistema de educação emergencial imposto às pressas, no qual não houve tempo para preparações e nem tão pouco reparações era impossível para o momento, porém com o crescente uso dos recursos tecnológicos e a busca de aprimoramentos para os professores e alunos, uma nova realidade, com o encontro entre educação e tecnologia, a prática que pode ser feita com um dispositivo eletrônico pela palma de sua mão, sendo enriquecida pela prática discente do ensino presencial se mostrou algo inevitável.

Neste contexto encontra-se um grande obstáculo pela frente: como retomar o interesse dos estudantes pelo aprendizado formal e engajar os alunos na retomada escolar pós pandemia? A priori, creio que em projetos pedagógicos que vise resgatar o desejo pelo conhecimento através de uma metodologia de ensino interdisciplinar, tendo em mente que nesse período tivemos a implementação do “novo ensino médio”.

Além disso, ressalta-se a importância do acolhimento e da empatia, pois muitos dos alunos enfrentaram dificuldades em suas casas, voltando o olhar, principalmente, para as relações sociais e a saúde mental, o que é e será um enorme desafio, mas provavelmente a única forma de manter o aluno presente, interessado e participativo.

E enquanto isso chamamos esse momento de “novo normal” que de normal não tem nada.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **Docência em história experiências de estágio supervisionado e formação do professor-pesquisador** / Crislane Barbosa de Azevedo, organizadora. – Natal, RN: EDUFERN, 2017. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BATISTA, Cláudia Fernanda de Carvalho. **O uso de ferramentas digitais no ensino remoto**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 43, 30 de novembro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/43/o-uso-de-ferramentas-digitais-no-ensino-remoto>

C6 Bank. **C6 Bank/Datafolha: 4 milhões de estudantes abandonaram a escola durante a pandemia**. Disponível em: <https://medium.com/c6banknoticias/c6-bank-datafolha-4-milh%C3%B5es-de-estudantes-abandonaram-a-escola-durante-a-pandemia-c3eca99f09a8> Acesso em 04/07/2022

FOSTER, Paula. **Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef**. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef/> Acesso em 04/09/2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GOVERNO DA PARAÍBA. **Escolas Cidadãs Integrais**. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/programas/escolas-cidadas-integrais-1> Acesso em 04/06/2022

INSTITUTO ALICERCE. **As principais consequências da pandemia na educação**. Disponível em: <https://blog.institutoalicerceedu.org.br/universo-instituto-alicerce/cenario-educacional/as-principais-consequencias-da-pandemia-na-educacao/> Acesso em 14/07/2022

PASCOAL, Raissa; **Para pesquisador, é preciso melhorar a qualidade do Enem**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/251/para-pesquisador-e-preciso-melhorar-a-qualidade-do-enem> Acesso em 04/10/2021.

ROSA, Rosane Teresinha Nascimento da; **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19**. Rev. Cient. Schola. V. 6, Nº 1, Julho 2020. Disponível em: [http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista\\_schola\\_2020/Editorial%201%202020%20\(Rosane%20Rosa\).pdf](http://www.cmsm.eb.mil.br/images/CMSM/revista_schola_2020/Editorial%201%202020%20(Rosane%20Rosa).pdf) Acesso em 14/07/2022

RAMAL, Andrea. **Sair do conteudismo para as competências é o maior desafio da BNCC**. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/sair-do-conteudismo-para-competencias-e-o-maior-desafio-da-bncc.html> 06/04/2017 Acesso em 08/10/2021

VELLAR, Camila Martins. **Ensino Remoto na Pandemia: dificuldades e aprendizados**. In: Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.1, 2021/01

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

EDUCA MAIS BRASIL. **ECI Jose Soares De Carvalho**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/escolas/eci-jose-soares-de-carvalho> Acesso em 04/09/2021

FREIRE, Ana Maria de Araújo, Paulo Freire, [Recurso eletrônico]: **Uma história de vida**; Ana Maria de Araújo Freire. - 1 ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2018. Recurso Digital.

PAULA, Laís Santos de; COELHO, Vanessa Canuto. **Ensino de História em tempos de crise: a pandemia e o convite à essencialização da História na aprendizagem escolar**. Revista Educação Pública, v. 21, Nº 38, 19 de outubro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/38/ensino-de-historia-em-tempos-de-crise-a-pandemia-e-o-convite-a-essencializacao-da-historia-na-aprendizagem-escolar> Acesso em 14/07/2022